

Texto do Catálogo

"Entre os pintores distingo prosadores e poetas. A rima, as dificuldades e essa última volta indispensável aos versos, que lhes dá tanta força, correspondem à simetria secreta, à ondulação engenhosa e ao mesmo tempo inspirada, que rege o encontro ou o afastamento das linhas, das manchas, ou os sublinhados da cor(...)"

Eugène Delacroix, *Diário (Extractos)*. Lisboa: Estampa, 1979 (tradução de Fernando Guerreiro)

A presente exposição de Susana Lemos situa-se do lado da poesia, no sentido em que Delacroix pensava a pintura poética: construir ritmos cromáticos, dispersos ou guiados pelas linhas que são formas e manchas, pontuações deliberadas ou margens incertas. Usando cores claras e quase inteiras, as redes propostas pela pintura possuem uma espécie de voz serena. Falam inquestionavelmente de felicidade.

Encontrados os tons e os timbres, sugeridos os primeiros valores de composição - quente e frio, alto e baixo, próximo e distante: os modos próprios do pintor ser poeta - pequenos bichos nascem entre as suas dobras ou sobrepõem-se aos seus espelhados reflexos. A autora fala de "fábulas e outras estórias" mas, quanto a mim, os bichos - patos, ratos, pássaros e girafas - não é a narrativa que procuram. Eles são figuras desse lugar simbólico que é a pintura poética pensada por Delacroix e abrem-nos, com discrição, a alma solar de Susana Lemos. Não sendo impossível que na sua memória renasçam estórias lidas ou inventadas, o essencial é uma deliberada suspensão: sem fio de discurso, a narrativa é meada, livremente desmanchada e enrolada de novo. Os seus sentidos são, é preciso dizê-lo, essencialmente pictoriais: a luxúria dos tons, as sombras claras, a música suave dos timbres.

Mas convém mantermo-nos sob a reflexão de Delacroix, o primeiro dos pintores românticos do século XIX que não entendia a arte sem assunto. Deste ponto de vista, direi que os bichos de Susana Lemos, sendo sobretudo figuras de pintura, nos propõem um território de esparsos significados. Podemos nele construir as tais "fábulas e outras estórias", todavia atendendo ao essencial: um desejo ou a reivindicação de um modo de vida, construído sobre a convicção que a infância não é uma fase transitória da nossa existência mas o seu determinado centro de onde jorram as emoções, os medos e as determinações. Onde os artistas encontram a arca de Noé que contém todas as estórias verdadeiras do mundo. Essas narrativas fundadoras, espessas e leves, parecem, às vezes, à beira da condenação, porque também somos máquinas barulhentas como um centro comercial em hora de compras. Creio que é o levíssimo medo de que o mundo perca os seus misteriosos sentidos que determina esta fase feliz da obra de Susana Lemos.

Raquel Henriques da Silva
6 de Março de 2005